

Ética e humanização na comunicação sobre a morte: um projeto educativo na área da saúde

Ethics and humanization in communication on death: An educational project in the field of health



RESUMO

Este artigo nasce da narrativa sobre a vivência da construção de um folder informativo / humanizado / educativo junto ao curso de Licenciatura em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), através da disciplina "Didática Aplicada à Enfermagem". Tem como eixo orientador a importância da ética do cuidado na comunicação diante da morte. Trata também do modo como a Enfermagem e as áreas da saúde em geral podem e devem contribuir de modo prático e significativo com a sociedade, no que se refere à comunicação/notícia do morrer e às primeiras medidas adotadas pelas pessoas diante da morte e dos encaminhamentos fúnebres necessários.

Palavras-Chave: Comunicação sobre morte – Morte – Ética – Saúde – Enfermagem

ABSTRACT

This article is born from the narrative about the experience of the construction of a folder informative / humanized /educative with the undergraduate course in nursing of the Federal University of Rio Grande (FURG), through the discipline "didactic applied to nursing". Its guiding axis is the importance of the ethics of care in communication in the face of death. It also deals with the way nursing and the health area in general can and should contribute in a practical and meaningful way with society in relation to communication/news of dying and the first measures adopted by people in the face of death and necessary funeral referrals.

Keywords: Communication on death – Death – Ethics – Health – Nursing

* Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professora no Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Campus Carreiros. CV: <http://lattes.cnpq.br/6874729785523519>

** Graduanda do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). CV: <http://lattes.cnpq.br/4732055227393770>

*** Graduanda do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). CV: <http://lattes.cnpq.br/5069318996058904>



Hoje, a palavra morte pode remeter a muitos sujeitos, a um estado de medo, insegurança, inquietude, calafrios no corpo e na alma de quem ouve ou recebe essa expressão, carregada de diferentes significados para além do fim da vida. Mesmo quem trabalha diariamente em áreas (in)diretamente vinculadas à saúde, parece não conseguir ser indiferente a esse estado/palavra. Para clarificar esse sentimento em relação ao que a palavra morte pode representar, temos em Elizabeth Kübler-Ross, psiquiatra e educadora suíço-americana, os resultados de sua pesquisa sobre o entendimento desse processo/estado. Em seu livro, *Sobre Morte e Morrer* (2017), a autora, provocada pelos horrores ligados aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, dedicou-se a realizar inúmeros estudos para acompanhamento de pacientes e familiares que se viram diante da situação de morte e do morrer num hospital de Chicago. E foi através de suas observações, realizadas ao longo do ano de 1969, relatadas/descritas nas falas desses indivíduos sobre as fases do luto e diante do diagnóstico da fase terminal, que a autora chega à conclusão de que existem cinco estágios do luto: negação e isolamento, raiva, barganha ou negociação, depressão e por último a aceitação. Essas fases deveriam ser conhecidas e estudadas pelas pessoas da saúde que irão acompanhar esses pacientes e seus familiares, para facilitar na comunicação/transmissão de valores humanos. Hoje já existem inúmeras críticas ao trabalho de Kübler-Ross, entre elas, a frágil descrição de emoções, as incursões pela espiritualidade e o pouco crédito e diálogo com pesquisas anteriores (Afonso e Minayo, 2013, p. 2732; Macedo, 2004, p. 168). Interessa, entretanto, destacar que a autora teve o mérito de alertar para a escassez de programas de ensino dos futuros profissionais de saúde dedicados às temáticas de relacionamento com pessoas doentes e com a morte, bem como para a importância de se encarar a morte como um processo vital e humano (Macedo, 2004, p. 71, p.165).

Para pessoas consideradas religiosas ou espiritualizadas, talvez a morte possa ser o início de um novo ciclo de vida. A depender da fé professada, a morte pode ser entendida comumente como uma passagem para um “plano” diferenciado ou até melhor. Em termos pedagógicos e subjetivos, nós preferimos acreditar que, quando refletido/pensado/debatido, é realmente um processo que proporciona alguma aprendizagem sobre o viver e o cuidar/se relacionar com o “outro” e também de reciclagem de caminhada, pois de acordo com Paulo Freire, os seres humanos se educam entre si mediados pelo mundo (Freire, 1987, p. 45).

Este texto apresenta e analisa rapidamente a experiência de um trabalho pedagógico desenvolvido pelos educandos do Curso de Licenciatura em Enfermagem, na disciplina de Didática aplicada à Enfermagem, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Tal trabalho diz respeito ao modo como a Enfermagem e as áreas da saúde em geral podem e devem contribuir de modo prático e significativo com a sociedade no que se refere à comunicação/notícia do morrer e às primeiras medidas adotadas pelas pessoas diante da morte e dos encaminhamentos fúnebres necessários. Levando em consideração tais situações de morte de familiares e entes queridos, alguns questionamentos foram levantados:

- Como dar a notícia da morte para quem está naquele momento de muita dor, segurando-se em todos os credos por um fio de respostas de esperança de vida/saúde do



seu familiar?

- Que comunicação deve ser essa?
- Quais habilidades e competências temos que usar nesse momento?
- Que cuidado temos que ter para fazer tal comunicado?
- Quem realmente está preparado(a) para utilizar essa comunicação de forma que se consiga ser ético/ profissional e ao mesmo tempo acolhedor e com empatia?
- Como reciclar essa dor?

Estudos em Enfermagem demonstram que enfermeiros e enfermeiras se autodenominam como profissionais do cuidado e que, a partir da década de 1990, cresceram as perspectivas das pesquisas voltadas aos significados sobre o "autocuidado" e o "cuidado de si" (Bub et al., 2006, p. 153). O "autocuidado" é compreendido como o desejo de cuidar bem de si, enquanto o "cuidado de si" se refere mais a um modo político de estar no mundo e relacionar-se consigo e com o outro. Antes de se discutir propriamente a manutenção da vida, da saúde e do bem-estar, a "intensificação humanizadora" no processo do "bem cuidar em Enfermagem", em todos os setores da saúde, já estava presente. A competência profissional e o cuidado humano do enfermeiro são fomentadas junto aos cursos de formação em licenciaturas nas universidades. Investir em conhecimentos específicos e diferenciados no processo de cuidar faz parte dos diferentes contextos em que a Enfermagem está incluída, possibilitando assim um olhar do processo de ensino-aprendizagem mais humanizador.

Segundo Waldow (2004), ao prestarmos o cuidado de Enfermagem, além dos saberes científicos, é preciso também vivenciar a sensibilidade e ser capaz de se colocar no lugar do outro, com real comprometimento à vida, fazendo sempre o melhor possível pelos pacientes/doentes. O ato de cuidar é, acima de tudo, um ato ético, onde cada um é chamado a fazer o seu melhor. Para Leonardo Boff (2012), o vivenciar do cuidado é um processo singular que vai mostrando sua real natureza e seu modo de habitar esse mundo com os outros e, desta forma, viabilizar o rumo ao "ser". Esse é o nosso maior desafio, que é o de ser gente/humano/profissional. Pensando nesse cuidado, sobre a nossa humanização, Boff afirma que:

O cuidado é uma forma de amor, e o amor é uma concretização do cuidado essencial. Ele também precisa cuidar do outro para se humanizar e, ao exercer sua liberdade, mostrar as possibilidades que esconde dentro de si e, destarte, expandir sua humanidade. Nesse jogo dinâmico, arriscado e promissor, passivo e ativo, de ser cuidado e de cuidar, de amar e de ser amado e também de se preocupar com o outro, é realizada a trajetória do ser humano no tempo, no espaço e na história (Boff, 2012, p. 64-65).

Mediante essas problemáticas de "morte, cuidado, comunicação e reciclagem da dor", os educandos do Curso de Licenciatura em Enfermagem, da FURG, foram desafiados a fazer um folder informativo, com o objetivo de possibilitar aos cidadãos informações gerais para o encaminhamento dos rituais funerários e desta forma cuidar e amenizar essa dor.



Comunicar, recriar/reciclar e humanizar

A relação entre comunicação e o ato de recriar e humanizar estão sempre em processo de interligação e retroalimentação. A humana docência¹ faz parte desse processo de interligação junto à saúde e precisa ser viabilizada em todas as dimensões do “cuidado consigo, com o outro, ou com os outros”. Foi pensando nesse processo, como ministrante da disciplina de Didática Aplicada à Enfermagem, que lembrei do meu querido amigo reciclador Zezinho e resolvi contar, numa certa segunda-feira, para minhas educandas de Enfermagem o acidente/morte em fevereiro de 2019 e minhas andanças pelos hospitais. Conforme fui relatando o ocorrido, percebia nos olhos das minhas educandas o olhar perplexo/triste diante dessa fala engasgada e partilhada de muitos sentimentos.

Primeiramente, conversamos sobre como conheci o reciclador Zezinho, contando-lhes da vida/alegria que ele trazia em suas palavras, ações, reflexões e belas gargalhadas. Lembro-me que comentei que quando havia me mudado para o interior de Pelotas/Cascata, eu estava muito feliz, entretanto, preocupada com a distância que percorria todos os dias para dar aulas no centro da cidade. Foi nesse período que aconteceu meu encontro e experiência de troca humana com Zezinho, episódio que narrei para a turma de Enfermagem.

Numa manhã de inverno, quando tentava atravessar a estrada de chão empoeirada, passou o Zezinho com seus cabritos, ovelhas e vacas. Nesse instante, fez sinal com a mão e um largo sorriso me mandando parar o carro para ele calmamente passar com seu rebanho. Ao chegar perto do meu carro me disse: a senhora professora não veio para esse lugar para mudar de vida? Então mude! Pare de correr e viva em paz! E ainda acrescentou: a vida é bela para a gente morrer cedo!

Fiquei por dias pensando naquelas palavras tão simples e tão repletas de sentidos. Aos poucos fui fazendo amizade com ele e sua esposa e aprendendo a reciclar minha vida e pensamentos. Zezinho reciclava tudo que encontrava caído pelo chão, desde um pedaço de pau podre até uma simples pena de ave na estrada. Tudo era motivo para ele transformar em arte e vida. Ele, por exemplo, possuía um sofá velho que encontrou em um terreno, algo como um acento de ônibus velho e sempre que chegava alguém lá, ele convidava para a pessoa se sentar e contemplar o lindo céu, dizendo: veja quem tem esse esplendor sobre a cabeça? Ora, somente nós que estamos nesse momento aqui sentados, e isso é divino, é saber viver!

Ao contar essas histórias vivenciadas junto ao Zezinho, voltei a repensar com as minhas educandas sobre o acidente/atropelamento do meu amigo, sofrido em Pelotas. E também sobre a angústia / dor / perplexidade / insegurança da esposa Carmem, diante da notícia da morte de seu esposo, sem saber como proceder.

Refletimos durante as aulas sobre morte, dor, medo, angústias, falta de informações, pobreza, o campo e os seus viveres, valores essenciais, vida, pronto socorro, os atendentes dos hospitais e tantas outras reflexões. E foi nesse instante que tivemos a ideia de reciclar essa dor

¹ Segundo Miguel Arroyo (2013), precisamos aprender que educar é revelar saberes, significados, mas, antes de mais nada, revelar-nos como docentes educadores em nossa condição humana; é esse o nosso ofício, é essa a nossa “humana docência”.



em ajuda para com as outras pessoas.

Foi lançado o desafio de colocarmos em prática as teorias do cuidado e da comunicação em Enfermagem. Para que esse desafio se concretizasse, tivemos que criar e disponibilizar, de forma didática, um folder informativo para a comunidade riograndina e pelotense sobre as primeiras medidas e modos de agir ao se deparar com a morte. Nascia, assim, um projeto de ensino, pesquisa e extensão intitulado "Projeto Zezinho".

Produzir, desenvolver, comunicar, humanizar e disponibilizar de forma gráfica os conhecimentos adquiridos em estudos teóricos na disciplina de Didática Aplicada à Enfermagem foi tarefa árdua, porém, enriquecedora de vivência na humana docência e na arte do cuidar. Desafiadas, as educandas deram início a uma série de questionamentos e buscas incessantes de informações/locais para melhor atender as populações em questão. Constatou-se que tratar sobre a morte/falecimento do humano necessita muito de uma aprendizagem de comunicação em enfermagem rumo a um cuidado humanitário/atento e, acima de tudo, um mediador e competente. Ao falarmos em comunicação em diferentes contextos da Enfermagem, lembramo-nos das escritoras Stefanelli e Carvalho quando dizem que:

A comunicação [...] com o paciente/cliente, permeia principalmente as ações de enfermagem, pois são os profissionais que permanecem mais tempo com o paciente, portanto, é de grande importância que ao longo de sua formação o enfermeiro esforce-se para adquirir a competência em comunicação, para com aquele que é o alvo da sua profissão: o ser humano (Stefanelli e Carvalho, 2012, p. 2).

Portanto era necessário saber comunicar às populações riograndina e pelotense as ideias sobre o folder e, para tanto, tinham que estruturar essa comunicação, respeitando o contexto de forma criativa e com efeito fulgente e ético, pois atualmente vivemos em um mundo onde os diferentes ambientes de comunicação estão cada vez mais andando sempre à nossa frente, a passos largos. Essa informação em formato de folder tinha que alcançar a população em geral, mas de uma forma muito especial, pois estávamos tratando com pessoas que, naquele momento, estavam passando por uma situação vulnerável emocional. Esse cuidado com a dor do(s) outro(s), com a comunicação ética e objetiva, foi a nossa meta principal.

O entrelaçamento entre teoria e prática: vivências da metodologia humanitária

A disciplina Didática Aplicada à Enfermagem é oferecida regularmente no curso de Enfermagem da Universidade de Rio Grande, como optativa e, especificamente, neste ano de 2019, teve quatro inscritos. Durante o semestre, teve a presença contínua e efetiva de apenas duas educandas: Cássia Barbosa e Brenda Alves. Nossos encontros pedagógicos ocorriam no turno da tarde.

As educandas, ao serem desafiadas a entrelaçar teoria e prática na citada disciplina, foram primeiramente envolvidas pelas histórias verídicas sobre a vida e morte do reciclador Zezinho, na cidade de Pelotas. No primeiro instante, ouviram atentas e com alegria a forma



como Zezinho vivia e reciclava a vida e depois sentiram a dor vivenciada pelos parentes e amigos do falecido habitante de uma comunidade simples da zona rural da cidade de Pelotas. Foram momentos de emoções fortes estas compartilhadas no espaço universitário. São práticas pedagógicas como essas que viabilizam a alfabetização do olhar, do sentir, do pensar, do viver e do próprio morrer. Foram justamente os episódios sobre a vida de Zezinho que levaram as educandas a perceberem, com preocupação, a falta que existe de uma comunicação humanizadora e esclarecedora com orientações sobre os encaminhamentos a serem realizados pelos familiares, diante da notícia da morte de um ente querido. A ideia, então, foi a de criar mecanismos para facilitar o acesso a informações básicas para esses momentos sempre acompanhados de desorientação, angústia e dor profunda.

Objetivando colocar em prática os conhecimentos adquiridos na disciplina, as graduandas reuniram-se e criaram um material de divulgação com conteúdo informativo e com orientações para este momento de sensibilidade emocional. Primeiramente buscaram o aprofundamento teórico sobre o cuidar e para tal fizeram leituras de livros e textos sobre as ideias de Waldow (2004), Boff (2012), Stefanelli e Carvalho (2012), entre outros, além de assistirem aos documentários sobre a vida das enfermeiras Florence e Ana Néri.

Logo em seguida, começaram a buscar informações visando montar e estruturar os elementos fundamentais que deveriam constar no folder atendendo às especificidades dos contextos das comunidades riograndina e pelotense. Esse processo envolvia também a busca por informações sobre os endereços de hospitais, serviços funerários, telefones de delegacia de polícia, etc. Dando continuidade à pesquisa de informações, foram em busca de pessoas que trabalham na área da saúde para que as orientassem sobre quais os passos que deveriam estar contidos no folder. Levaram em torno de três meses e meio para conseguirem as devidas informações. Para a montagem do folder construíram uma comunicação direta, objetiva e simples na sua formatação, pois queriam atingir aqueles que mais necessitavam dessas informações gerais, como os grupos social e economicamente menos favorecidos. Começaram, então, os encaminhamentos para as correções ortográficas. O último passo foi a produção do material gráfico e a divulgação do mesmo junto aos meios de comunicação, rádio/TV FURG e outras mídias.



Figura 1a. Folder destinado a Pelotas (página 1)

<p>Passos Fundamentais:</p> <ol style="list-style-type: none">1- Obter a Declaração de Óbito.2- Levantar a declaração de óbito a central de óbitos, junto com os documentos do falecido e comprovante de residência.3- A funerária escolhida pela família irá emitir a Certidão de óbito, para finalizar o processo pós-morte. O familiar sai com uma pré-certidão de óbito. Após 5 dias úteis, retirar a certidão definitiva no cartório indicado pela funerária. OBS: nem todas as funerárias emitem a Certidão de Óbito, neste caso deve ser emitida em cartório pela família.4- Na funerária escolhida por você, será feita a contratação dos serviços para Velório e Sepultamento. <p>Falecimento no Hospital</p> <ul style="list-style-type: none">• Caso ocorra antes de 24h de internação: (tanto para pacientes conhecidos, como também desconhecidos) o médico responsável encaminha corpo para necropsia, no IML para emitirem a declaração de óbito, após efetuar o laudo.• Caso ocorra após 24h de internação: o médico responsável assina a declaração de óbito, desde que não haja impedimento legal.• A partir da declaração de óbito, você pode partir para o passo 2, citado acima. O corpo pode levar até 48h para ser liberado! <p>*Importante informar, se o falecido era Doador de Órgãos !</p>	<p>Falecimento na Residência</p> <ol style="list-style-type: none">1- Caso haja acompanhamento médico, o mesmo emitirá a Declaração de Óbito.2- Se não houver acompanhamento médico, dirija-se à Delegacia de Polícia mais próxima para registrar Boletim de Ocorrência. Após o registro, o próprio Delegado irá até à Residência onde está o corpo para averiguar se ocorreu <u>Morte Natural ou Morte Suspeita</u>. <ul style="list-style-type: none">• Morte Natural: <ol style="list-style-type: none">1- O corpo será encaminhado para o Serviço de Verificação de Óbito (SVO), um órgão da Secretaria de Estado, que fará a necropsia, para estabelecer a causa da morte.2- Após isso, será emitido a Certidão de óbito, e você pode se dirigir até a Funerária de sua escolha. <ul style="list-style-type: none">• Morte Suspeita: <ol style="list-style-type: none">1- Será realizada uma Perícia e Investigação: O corpo será encaminhado para o Instituto Médico Legal (IML) para realização da necropsia. Esse procedimento pode ser demorado.2- Após a finalização da necropsia, o IML emite a Declaração de Óbito, e você se dirige até a Funerária. <p>Falecimento em Local Público:</p> <ol style="list-style-type: none">1- Não mexer no corpo.2- É necessário chamar a Polícia Civil, que irá realizar o encaminhamento do corpo para o IML. Esse procedimento pode demorar.3- O IML irá emitir a Declaração de Óbito.	<p>Serviços Funerários: Sepultamento e Velório</p> <ol style="list-style-type: none">1- Após contratar uma Funerária, a mesma vai realizar a liberação e o transporte do corpo do hospital ou IML, até o local do Velório. Pode ser que a família tenha que providenciar uma autorização escrita para o processo ocorrer.2- Na situação em que os familiares não tenham recursos financeiros para providenciar o Funeral, Velório e Sepultamento, existe o chamado Benefício-Funeral. Nesse caso, é necessário entrar em contato com a assistência social (LEI Nº 6860/2010 Art. 10).3- É de responsabilidade da família o fornecimento das roupas que serão usadas pelo falecido.4- Em caso de cremação é necessário que dois familiares diretos, autorizem e tenham em mãos o atestado de óbito registrado em cartório e assinado por dois médicos ou por um médico legista. É preciso entrar em contato com o Crematório Angelus Pax localizado no Capão do Leão/Pelotas. Convém lembrar que não é obrigatório o velório, a família pode solicitar as cinzas após a cremação e fazer com elas o que for da sua vontade. O crematório fornece os vasos adequados para esta finalidade. <p>OBS: Quando a família já possui um túmulo é importante que o mantenha regularizado, e apresente a respectiva documentação.</p>
--	--	--

Fonte: Material produzido e divulgado pelas Autoras

Figura 1b. Folder destinado a Pelotas (página 2)

<p>Documentação Necessária do Falecido:</p> <ul style="list-style-type: none">• Certidão de Nascimento• Certidão de Casamento/divórcio• Carteira de Identidade• CPF• Número do Benefício do INSS• Título de Eleitor• Um parente de 1º grau para registro• Atestado de Óbito/Guia de Registro do SVO/Laudo do IML <p>Importante:</p> <p>*O responsável pelo paciente deve ter em mãos toda a documentação necessária do paciente. *O telefone fornecido no momento da internação, deve estar ligado, e essa pessoa deve estar disponível para atender as ligações</p> <p>Telefones e Endereços</p> <ul style="list-style-type: none">• Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento Departamento de Polícia do Interior: Rua Prof. Dr. Araújo, 900 – Centro - (53) 3232-2000.• 18ª Delegacia de Polícia Regional: Rua Barros de Cassal, 516 – 3º andar – Areal – (53) 3310-8150	<ul style="list-style-type: none">• Polícia Civil – 1ª Delegacia de Polícia: Praça 20 de Setembro, 17 – Centro – (53) 3225-2599• 3ª Delegacia de Polícia: Rua Anaor Nizatte, 837 – Fragata – (53) 3271-6660• Brigada Militar: Rua Lajeado, 350 – Laranjal – (53) 3226-2190• 4ª Batalhão de Polícia Militar: Av. Bento Gonçalves, 3207 – Centro – (53) 3309-5300• Funerária Carvalho: Rua Andrade Neves, 1356 – (53) 3225-3958• Funerária Santana: Rua Lobo da Costa, 1499 – (53) 3225-7922• Funerária Lima de Pompas: Rua General Osório, 1081- (53) 3222-2476• Funerária Angelus Pax (com serviço de cremação): Rua Professor Argolo, 293 – (53) 3225-9669• Funerária Misericórdia: Rua Duque de Caxias, 406 – (53) 3225-0975• Funerária Sta. Terezinha: Rua Marechal Deodoro, 1137 – (53) 3223-2192• Funerária José Ricardo dos Santos: Rua Av. Dom Joaquim, 870 – (53) 3223-4313• Funerária Pelotense: Rua Sete de Setembro, 543 – (53) 3227-0700• Funerária Cristo Rei: Rua General Osório, 965 (53) 3225-2662• Funerária Santa Cruz: Rua Dr. Cassiano, 446 – (53) 3222-4606• Hospital São Francisco de Paula: Rua Marechal Deodoro, 1123 – (53) 2128-8300• Hospital Santa Casa de Misericórdia: Rua Praça Piratini de Almeida, 53 – (53) 3204-4700• Hospital Sociedade Portuguesa de Beneficência: Rua Andrade Neves, 3006 – (53) 3025-3844 e (53) 3025-3843• Central de Óbitos: Rua General Osório, 409 – 0800 510 3734 – Aberto 24 horas.	<p>Que a PAZ esteja contigo !</p> <p>O que fazer em caso de falecimento ?</p>  <p>Projeto Zezinho</p>  <p>Acadêmicas: Cássia Martins e Brenda Alves Orientadora Drª Jara Lourenço da Fontoura Voluntárias: Dora Cláudia Nunes Araújo e Juliana Xavier Mesemburger Disciplina: Didática aplicada à Enfermagem Universidade Federal do Rio Grande Contato diditacaenf@gmail.com</p>
---	---	--

Fonte: Material produzido e divulgado pelas Autoras




Figura 2a. Folder destinado a Rio Grande (página 1)

<p>Passos Fundamentais:</p> <ol style="list-style-type: none">1- Obter a Declaração de Óbito.2- Levar a declaração de óbito a uma funerária de sua escolha, junto com os documentos do falecido e comprovante de residência.3- A funerária irá emitir a Certidão de óbito, para finalizar o processo pós-morte. O familiar sai com uma pré-certidão de óbito. Após 5 dias úteis, retirar a certidão definitiva no cartório indicado pela funerária.4- Na funerária escolhida por você, será feita a contratação dos serviços para Velório e Sepultamento. <p>Falecimento no Hospital</p> <ul style="list-style-type: none">• Caso ocorra antes de 24h de internação: (tanto para pacientes conhecidos, como também desconhecidos) o médico responsável encaminha corpo para necropsia, no IML para emitirem a declaração de óbito, após efetuar o laudo.• Caso ocorra após 24h de internação: o médico responsável assina a declaração de óbito, desde que não haja impedimento legal.• A partir da declaração de óbito, você pode partir para o passo 2, citado acima. O corpo pode levar até 48h para ser liberado! <p><i>*Importante informar, se o falecido era Doador de Órgãos !</i></p>	<p>Falecimento na Residência</p> <ol style="list-style-type: none">1- Caso haja acompanhamento médico, o mesmo emitirá a Declaração de Óbito.2- Se não houver acompanhamento médico, dirija-se à Delegacia de Polícia mais próxima para registrar Boletim de Ocorrência. Após o registro, o próprio Delegado irá até à Residência onde está o corpo para averiguar se ocorreu <u>Morte Natural</u> ou <u>Morte Suspeita</u>. <ul style="list-style-type: none">• Morte Natural:<ol style="list-style-type: none">1- O corpo será encaminhado para o Serviço de Verificação de Óbito (SVO), um órgão da Secretaria de Estado, que fará a necropsia, para estabelecer a causa da morte.2- Após isso, será emitido a Certidão de óbito, e você pode se dirigir até a Funerária de sua escolha.• Morte Suspeita:<ol style="list-style-type: none">1- Será realizada uma Perícia e Investigação: O corpo será encaminhado para o Instituto Médico Legal (IML) para realização da necropsia. Esse procedimento pode ser demorado.2- Após a finalização da necropsia, o IML emite a Declaração de Óbito, e você se dirige até a Funerária.	<p>Falecimento em Local Público:</p> <ol style="list-style-type: none">1- Não mexer com o corpo.2- É necessário chamar a Polícia Civil, que irá realizar o encaminhamento do corpo para o IML. Esse procedimento pode demorar.3- O IML irá emitir a Declaração de Óbito. <p>Serviços Funerários: Sepultamento e Velório</p> <ol style="list-style-type: none">1- Após contratar uma Funerária, a mesma vai realizar a liberação e o transporte do corpo do hospital ou IML, até o local do Velório. Pode ser que a família tenha que providenciar uma autorização escrita para o processo ocorrer.2- Na situação em que os familiares não tenham recursos financeiros para providenciar o Funeral, Velório e Sepultamento, existe o chamado Benefício-Funeral. Nesse caso, é necessário entrar em contato com a assistência social (LEI Nº 6860/2010 Art. 10).3- É de responsabilidade da família o fornecimento das roupas que serão usadas pelo falecido.4- Nesse momento, ainda não temos a cremação na cidade de Rio Grande, apenas em Capão do Leão/Pelotas. <small>*Cremação: é uma técnica funerária que visa reduzir o corpo a cinzas, através da queima do mesmo.</small>
---	--	---

Fonte: Material produzido e divulgado pelas Autoras

Figura 2b. Folder destinado a Rio Grande (página 2)

<p>Documentação Necessária do Falecido:</p> <ul style="list-style-type: none">• Certidão de Nascimento• Certidão de Casamento/divórcio• Carteira de Identidade• CPF• Número do Benefício do INSS• Título de Eleitor• Um parente de 1º grau para registro• Atestado de Óbito/Guia de Registro do SVO/Laudo do IML <p>Importante:</p> <p><i>*O responsável pelo paciente deve ter em mãos toda a documentação necessária do paciente.</i></p> <p><i>*O telefone fornecido no momento da internação, deve estar ligado, e essa pessoa deve estar disponível para atender as ligações</i></p>	<p>Telefones e Endereços</p> <ul style="list-style-type: none">• Delegacia de Polícia Civil: Rua Andradas Neves, 1013-Centro- (51) 3731-1490• 2ª Delegacia de Polícia: Avenida dos Grandes Lagos, 299 – Parque Marinha/Rio Grande. (53) 3235-2287/ 3235-2288• Delegacia de Polícia Regional: Rua Benjamin Constant, 29-Centro/Rio Grande (53) 3231-3522• 2ª Delegacia de Polícia do Rio Grande-PABX: Av dos Grandes Lagos,1-Parque Marinha/RG.• 1º Distrito Policial Delegacia de Polícia Civil: Av Pelotas,246-Cidade Nova/RG. (53) 3232-3285/ 3233-4091/3233-4092• Delegacia Polícia, 4º Distrito Rio Grande: Rua Almirante Barroso,142-Bairro Getúlio Vargas/RG. (53) 3232-3890/ 3231-3894/ 3231-6321• Delegacia de Rio Grande: Rua General Osório,512-Centro/RG. (53) 3293-9000/ 3293-9012• Funerária São Geraldo: Rua General Canabarro, 120-Centro/RS. (53) 3293-2078• Funerária Hahn: Av Portugal, 337-Cidade Nova/RG. (53) 3230-7045• Funerária Rio Grande: Rua Visconde de Paranaguá, 15-Centro/RG. (53) 3231-5223• Funerária Santa Casa: Rua General Osório 625, (53) 3232-5371• Hospital FURG: Rua Visconde de Paranaguá, 102-Centro/RG (53) 3233-	<p>Que a PAZ esteja contigo !</p> <p>O que fazer em caso de falecimento ?</p>  <p>Projeto Zezinho</p> <p>Acadêmicas: Cássia Martins, Brenda Alves e Tawany Moraes.</p> <p>Orientadora Drª Jara Lourenço da Fontoura</p> <p>Colaboradoras: Juliana Xavier Mesemburger e Dora Cláudia Nunes Araújo.</p> <p>Disciplina: Didática aplicada à Enfermagem</p> <p>Universidade Federal do Rio Grande</p> <p>Email: didaticenf@gmail.com</p>
--	---	--

Fonte: Material produzido e divulgado pelas Autoras



O folder foi subdividido em passos fundamentais, tais como: falecimento no hospital, falecimento na residência, falecimento em local público, serviço funerário de sepultamento e velório, documentos necessários do falecido, telefones e endereços de delegacias, funerárias e etc. Reciclaram e transformaram esse processo de dor/perda em ajuda para as pessoas que precisam dessas informações. Nas figuras 1 e 2, apresentamos a imagem final do folder na sua versão para Pelotas e para Rio Grande, respectivamente.

Viabilizando e compartilhando o cuidado em Enfermagem

Esse folder foi viabilizado e compartilhado por várias entidades das cidades de Pelotas e Rio Grande, dentre as quais destacaríamos: Hospital FURG e Santa Casa de Misericórdia, postos de saúde como o do CAIC (Centro Integral à Criança e ao Adolescente), PRAE (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis), bairros comunitários, em eventos de ensino (Semana Riograndina da Enfermagem, Textos e Contextos/FURG), na secretaria do Instituto de Educação, nas portarias do Campus da FURG, na Policlínica, APPAS, Zona rural de Pelotas/Cascata, Correio/Cascata, supermercados do interior de Pelotas, igrejas e hospitais públicos. Em torno de 1.200 folders foram entregues, sendo que em cada liderança de bairro foi solicitado a ampliação por meio de cópias do folder. Cremos que em torno de mais de 2000 folders foram compartilhados. No dia 10 de abril às 11h participamos do programa na rádio/TV FURG Pluriverso para a divulgação do material. Na rádio FM Comunitária 104.5 de Pelotas, o folder também foi divulgado. Nas funerárias de Rio Grande e de Pelotas foram entregues em torno de 50 folders. E, assim, as educandas e eu cumprimos com a unidade e o cuidado entre a teoria e a prática na Enfermagem. Esse projeto de ensino nos viabilizou o delineamento prático sobre cuidar de si e dos outros, o cuidar do meio que nos cerca, a ética/a didática do cuidado necessário na comunicação, o cuidado do próprio corpo e dos corpos dos outros, o cuidado com o planeta Terra, a dimensão positiva do ato de reciclar, enfim, aprendemos a nos responsabilizarmos pelo verdadeiro “ato de ser educadora/enfermeiras”. Para Waldow, o cuidar implica em se perceber através desse ato do cuidado com o outro o seu próprio eu. A pesquisadora, escritora e enfermeira afirma que:

Ser é cuidar, e as várias maneiras de estar-no-mundo compreendem diferentes maneiras de cuidar. Para se tornar um ser de cuidado, um cuidador, o ser precisa, primeiro, ter experienciado o cuidado, ou seja, ter sido cuidado. A capacidade de cuidar está, portanto, relacionada ao quanto e como o ser foi cuidado. Através do cuidado, percebe-se a existência de outros além do que se é; o outro dá o sentido do Eu. Ampliando o significado do cuidar, as posturas necessitam ser redefinidas, atualizadas, re-significadas. Implicam mudanças. Estas mudanças representam uma evolução e, para enfermagem, é o encontro da plenitude - o fazer, o saber e o ser (Waldow, 2004, p. 19-20).

Esse ato do cuidado dever vir fecundado/enraizando na ética da comunicação. Para que haja a comunicação teremos que viabilizar o processo comunicacional, que, segundo



Stefanelli e Carvalho (2012) necessitará de um emissor, mensagem, a codificação e o canal para enviar da melhor forma possível a mensagem e o receptor, que após entender ou codificar a mensagem, emitirá a sua resposta. De acordo com as professoras de Enfermagem, Stefanelli e Carvalho:

A comunicação é um processo de compreender e compartilhar mensagens enviadas e recebidas, e as próprias mensagens e o modo como se dá seu intercâmbio e exercem influência no comportamento das pessoas envolvidas em curto, médio, ou longo prazo (Stefanelli e Carvalho, 2012, p. 31).

Essa comunicação que é fundamental tanto para as enfermeiras, como para o paciente e familiares, e não poderá ser de qualquer forma, deverá ser baseada na ética, no cuidado necessário com o outro que é diferente de mim. Segundo Stefanelli e Carvalho (2012), os enfermeiros devem estar preparados para utilizarem de forma adequada os processos da comunicação verbal e não verbal no ato de cuidar. Para eles:

O enfermeiro tem de estar capacitado para enfrentar as dificuldades advindas desse processo, que lhe traz uma clientela cheia de incertezas diante das mudanças a que está sujeita no dia a dia. Para amenizar a situação, a competência em comunicação faz-se cada vez mais necessária; somente assim é possível continuar oferecendo cuidado interdisciplinar, personalizado, competente e digno do ser humano (Stefanelli e Carvalho, 2012, p. 32).

Mas afinal que ética seria essa? Porque uma ética utilitarista não daria conta desse ato da comunicação do cuidado humano? Para Leonardo Boff:

O ser humano se propõe a cuidar conscientemente do outro. O cuidado se faz amor, reconhecimento e comunhão. Ele também se mostra como preocupação e zelo pelo ser que ama ou com o qual está afetivamente envolvido. Também cuida do seu entorno, preocupa-se pelos meios de sua subsistência. Por precaução, outra forma de cuidado evita iniciativas e atos que podem ser prejudiciais a si e à natureza. Desta forma, o cuidado entra na definição do próprio ser humano como existência-no-mundo-com-os-outros, aberto à totalidade do SER, ao futuro e à morte (Boff, 2012, p. 43).

Dando continuidade ao seu olhar sobre o ato de cuidar, o filósofo salienta que:

A ética do cuidado completa a ética da justiça. Elas não se opõem, mas se compõem na construção de uma convivência humana fecunda, dinâmica, sempre aberta a novas relações e carregada de sentimento de solidariedade, afetividade, no termo, de amorosidade. Ela ajuda a minorar os conflitos e tem propostas de negociação pelas quais todos podem avançar juntos e superar o ganha-perde. Principalmente nesse tipo de ética se leva a sério aquilo que foi e continua sendo pouco



considerado: a vida cotidiana as tarefas familiares, a condução da casa, a convivência dos gêneros e das idades (Boff, 2012, p. 135).

Nós acrescentaríamos que essa ética do cuidado é interligada à ética da comunicação, do respeito à cultura do Outro, as crenças desse Outro, os seus valores e concepção de visão de mundo. Comunicar-se em momentos com picos tão intensos de sensações fortes/frágeis, com o conteúdo/ a notícia/mensagem/comunicação de uma morte, mais do que nunca deve ser permeada pela empatia, pelo respeito ao que é mais divino: o Outro. Esse Outro que está diante de nós, com toda sua alteridade de ser, um ser humano que precisa continuar vivo e sobrevivendo apesar desse processo comunicacional/mensagem de morte do seu familiar ou amigo. A compreensão da palavra “morte” também deve ser assunto incluído como forma de reflexão auto-avaliativa junto aos educandos/futuros enfermeiros, a fim de que percebam também a sua concepção/reação do significado dessa palavra para o seu próprio existir.

Stefanelli e Carvalho afirmam que:

É por meio da comunicação que partilhamos sentimentos, crenças, valores, e atitudes, que expressamos nosso comportamento e ideias, permitindo ao outro que nos conheça e, num processo recíproco, conhecer o outro. Evidencia-se, assim, a importância do conhecimento de si mesmo para que o enfermeiro possa utilizar sua competência em comunicação a fim de cuidar daquele que necessita de seu conhecimento de forma efetiva. (Stefanelli e Carvalho, 2012, p. 6).

“Viver e morrer” são palavras/processos que irão estar conosco, nos acompanhando e permeando a nossa caminhada desde sempre. Entendemos que enquanto estamos vivendo, muitas vezes morremos mesmo estando com o coração batendo e as outras pessoas nos dizendo que estamos vivos. Esses são processos de outras formas de concepção de morte. Para Boff (2012) a compreensão da morte, vai além do seu “aspecto biológico”, pois para ele envolve “uma dimensão subjetiva”:

A morte vai ocorrendo processualmente em cada momento da vida até o morrer. Pertence ao campo da morte viver existencialmente as perdas, os fracassos, as decepções, o obscurecimento das estrelas-guia e o despertar de um horizonte de esperança. Não basta viver porque não se morre. É próprio da vida irradiar e se traduzir em alegria de viver. Tudo isso e os outros fatores entram na percepção mais englobante da morte, que deve ser incluída quando nos referimos à saúde e à doença. Concretamente, incluir a morte na vida, implica aceitar que ela não vem de fora como uma ladra a nos roubar o que mais apreciamos. Desde que começamos a existir ela nos acompanha. Porque amamos a vida, mesmo mortal, esforçamo-nos por cercá-la de cuidados e preocupações, criando um holding para seu bem-estar e por seu futuro. Aceitar a morte dentro do desenrolar da vida, comporta não se surpreender com a doença, com a dor, e com todo tipo de limitações. Elas são da condition humaine (Boff, 2012, p. 208-209).



Considerações finais

Viabilizar o entrelaçamento entre teoria e prática através da Disciplina de Didática Aplicada à Enfermagem foi para nós um grande desafio educacional/ motivacional, pois o mesmo permitiu o reconhecimento da importância da “humana docência” e da “comunicação ética/didática humanizadora” em diversos campos da Enfermagem, como postos de saúde, prontos socorros, clínicas de saúde, comunidades terapêuticas, entre outros. Além de nos proporcionar a vivência competente do ato de cuidar, aprender e ensinar, do cuidado humanitário, da importância do ato de comunicar-se em saúde e da competência interpessoal e intrapessoal, sendo um grande salto qualitativo no contexto de formação de futuros ou futuras profissionais de Enfermagem.

Finalizamos este processo de ensino-aprendizagem da disciplina de uma forma concreta (unindo teoria e prática), comprometida, feliz, recicladora e criativa através do folder “Projeto Zezinho”, com o resultado positivo de uma vivência didática/humanizadora/comunicativa e amorosamente ética com o Outro. Temos certeza de que onde quer que Zezinho se encontre nesse momento estará muito feliz, pois reciclamos a sensação/lembança de “dor/morte” em processo de “comunicação/educativa e amorosa” para com nós mesmos e com os outros.

Referências bibliográficas

AFONSO, Selene Beviláqua Chaves e MINAYO, Maria Cecília de Souza. Uma releitura da obra de Elisabeth Kübler-Ross. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2729-2732, 2013.

ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 251p.

BOFF, Leonardo. *O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, a ecologia, na ética, na espiritualidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 296p.

BUB, Maria Bettina Camargo *et al.* A noção de cuidado de si mesmo e o conceito de autocuidado na enfermagem. *Texto & Contexto – Enfermagem*. Florianópolis, v. 15, n. spe., p.152-157, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 218p.

MACEDO, João Carlos Gama Martins de. *Elisabeth Kübler-Ross: a necessidade de uma educação para a morte*. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Minho, 2004. 199p.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre Morte e Morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 2017. 304p.

STEFANELLI, Maguida Costa e CARVALHO, Emília. Campos de. *A comunicação nos diferentes contextos da enfermagem*. Barueri, SP: Manole, 2012. 209p.

WALDON, Vera Regina. *O cuidado na saúde: As relações entre o eu, o outro e o cosmos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 237p.

Recebido em: 07 de setembro de 2019

Aprovado em: 02 de dezembro de 2019

